

APRESENTAÇÃO

Hibridismos na Poesia Moderna e Contemporânea

O poema fora do livro – seja em imagens, sons, música, performance ou outros suportes –, o poema no papel tomado por vozes dramáticas ou narrativas, o poema num diálogo intermédias ou intertextos: são diversas as formas assumidas pelo poema que não cessam de pôr em xeque sua identidade e seus traços distintivos, refazendo continuamente as categorias e limites. Se um dos aspectos histórico-literários mais decisivos para a constituição da poesia moderna deriva da progressiva libertação de formas textuais pré-constituídas, por outro lado ocorre também a expansão da linguagem poética para outras práticas artísticas, produzindo obras que habitam uma zona de indiscernibilidade formal. Pensando nos diversos modos de contaminação entre as linguagens, os artigos deste número da *e-lyra* buscam pensar as relações entre a poesia moderna e contemporânea e os diversos hibridismos.

Uma das possibilidades de leitura está no trabalho intertextual da poesia. Nesta direção, temos o artigo que abre o dossiê, de Luiz Fernando Valente. Com a proposta de pensar o hibridismo como uma “poética da generosidade”, o autor analisa a poesia de Ondjaki, dando destaque sobretudo à incorporação da pluridiscursividade da língua portuguesa e ao diálogo nomeado com outros autores lusófonos.

Também o texto de Maria Silva Prado Lessa lê o trabalho citacional na poesia sob o viés do hibridismo ao apresentar o poeta e artista Mário Cesariny. A autora chama a atenção para a faceta semi-plagiária de Cesariny, que brinca de modo provocativo com a autoria de alguns textos de Fernando Pessoa e com escritos de Kandinsky.

Ainda neste caminho da intertextualidade, Filipe Manzoni traz o conceito de “espaço submedial”, de Boris Groys, para ler as estratégias de invisibilização do texto como mídia e o seu reverso: a visibilidade total do meio que, aliás, costuma ser convocada por textos “não-originais” em busca do desejado efeito de sinceridade. O autor propõe uma discussão sobre opacidade e transparência, não como pólos estanques, mas sim flagrados em tensionamento produtivo.

No campo de uma análise intermédias, Gustavo Silveira Ribeiro lê, na obra do artista plástico Leonilson, o modo como a linguagem poética nasce junto de imagens e traços transbordando para dentro do trabalho e passando a ocupar um lugar central nos mais diversos suportes, como as telas e bordados. Há também o artigo de Igor de Souza Soares que segue uma reflexão sobre a videopoesia, considerando-a num contexto “pós-literário”, isso é, onde outros signos disputam espaço com a palavra. O autor analisa o vídeopoema “Fevereiro”, de Matilde Campilho, trabalhando com as dimensões sensoriais e semióticas. Marina Ribeiro Mattar busca tratar da relação imbrincada entre a poesia visual e, mais especificamente, a poesia concreta, e o livro de artista. E temos ainda neste campo o artigo de Leonel Isac Maduro Velloso que se aproxima da escrita-travesti de Al Berto, lendo-a como performatividade da linguagem intensificada pelo uso de retratos fotográficos nos quais o poeta encena identidades heterogêneas.

Buscando tratar da contaminação do gênero lírico por outras práticas textuais, há o artigo de Annie Gisele Fernandes sobre a obra de Cesário Verde, que aponta para uma ampliação das fronteiras da lírica na direção da épica e do drama. Neste mesmo espaço de trocas, Patrícia Chanely Silva Ricarte relaciona tópicos a princípio distintos, como a biografia e metatextualidade poética, para a construção do poema nos textos de Manuel de Freitas. Já Manuela Quadra de Medeiros nos apresenta a obra inquieta da poeta Paula Glenadel a partir de *Rede* (livro de “poesia ao modo de teatro, crítica ao modo de poesia”). Medeiros mobiliza operadores de leitura como *formagem* – “nem forma, nem formação” – e *encenunção*, aglutinação entre encenar e enunciar. E o artigo de Ana Cristina Joaquim propõe uma discussão relacionando a crônica de Herberto Helder e a poesia já bastante híbrida do autor.

O hibridismo não se encontra apenas na produção poética, mas também no gesto de leitura crítica, como mostra o texto de Camila de Toledo Piza Costa Machado. A autora investiga as distintas formas de se dizer o trauma analisando o livro *Homoíne*, de Eduardo White, e o filme *A respeito da violência*, do sueco Göran Hugo Olsson.

Em artigo sobre a poética de Conceição Lima, Bernardo Nascimento de Amorim discute os processos de hibridização identitária santomense, privilegiando o inconcluso e sincrético em claro contraponto a enfoques dualistas e maniqueístas, como os que têm assolado o discurso político no Brasil nas vozes de alguns de seus representantes. Já o texto “Vocoperformance à brasileira”, de Leonardo Davino de Oliveira investiga o modo como a música popular brasileira, numa relação com o mercado, conseguiria representar um *ethos* nacional.

Para encerrar o número, apresentamos uma seleção de poemas que trazem um nítido diálogo com outros ofícios. “Estamos no escuro”, do artista Fabio Morais, reúne uma série de imagens da sua última exposição na Galeria Vermelho, em São Paulo, que mistura poesia visual, artes plásticas e arquitetura. Vilma Arêas joga com o manual, a crítica e a correspondência em texto que constitui uma leitura-homenagem da obra de Adília Lopes. Alice Sant’Anna dialoga com fotos de uma das expedições de Shackleton à Antártida. Os fragmentos de “JLG”, de Franklin Alves Dassie, transformam o livro de poesia em documentário em primeira pessoa, fazendo uso do diário-caderno. E, por fim, Mariano Marovatto faz um texto-colagem compilado de diferentes fontes de autoria de naturalistas, filósofos e viajantes que chegaram às Américas, intervindo com um procedimento: trocar as palavras “viajante”, “naturalista”, “escritor”, “filósofo” por “o turista”, que dá nome à série.

Esperamos assim que estas diferentes abordagens do poético possam provocar o interesse de todos os leitores de *e-lyra*.

Marília Garcia

Ida Alves